



Perdendo de quatro

O Brasil precisa restaurar a dimensão do político

Em entrevista recente o ex-ministro do meio-ambiente e atual parlamentar do novo Ricardo Salles, soltou uma frase que define muito a percepção de vários agentes do movimento contracultural e antipetista no Brasil: “Melhor perder de pé do que ganhar quatro!”

Essa frase foi dita enquanto o deputado comentava a corrida para a presidência da câmara, cobrando dos parlamentares mais à direita que fizessem uma composição para lançar uma candidatura própria para a presidência da casa. A frase diz muito nesse caso específico, demonstra uma clara distorção do conceito do político e do sufrágio universal — mas a atitude, nos serve quase que como arquétipo.

Parece que boa parte desse movimento contracultural que chamamos de “direita” — em sua forma heterogênea e sem qualquer definição formal, quer ir para um tudo ou nada inflexível e inegociável.

É evidente que temos uma parcela internética que teima em chamar

Bolsonaro de covarde, insinuando que traiu o movimento que liderou, não cumpriu promessas de campanha entre outras boçalidades — mas a distorção quanto ao conceito do político é parecida. Primeiramente, devemos lembrar que na década passada vivíamos sob a redução do cenário eleitoral a uma concorrência entre petistas e tucanos e, uma vez vitorioso o PT, aparelhou o Estado e comprou consciências usando de um esquema de corrupção quase indescritível.

O romance brasileiro desde 1964 deixou de ser expressão da vida nacional para reduzir-se a depósito das lamúrias de um grupo político que, frustrado nas suas ambições de poder, se fechou num solipsismo carregado de rancor e autopiedade, passando a enxergar o drama de um país na escala miúda de seus padecimentos gremiais. Todo ambiente cultural brasileiro foi reduzido a um clube onde se discute o fracasso prático dos

comunistas, a dificuldade de chegar ao poder — “a revolução brasileira”. No fundo, o único pecado, segundo essa visão do mundo, é não ter poder.

Saímos do absoluto escuro, do fundo de um poço político total para a ascensão de Bolsonaro até a presidência.

A ascensão e a liderança de Bolsonaro integraram parte da massa de brasileiros, que por repulsa do movimento petista votava no tucanato — em um movimento patriótico que busca reconstruir o país.

O PT é um corpo estranho na nação brasileira, sem qualquer dúvida deveria ser tratado como organização inimiga do Estado nacional — por suas ações, crimes e objetivos.

O PT e a esquerda nacional chegaram ao poder dizendo que acabaríamos com a corrupção e o patrimonialismo, e escondendo-se nessas palavras abstratas e difíceis de definir buscaram a

hegemonia que por pouco não foi alcançada.

O PT não foi um partido político, mas um agente de neutralização da política — toda negociação e consenso era um passo dado atrás para dar dois para frente em sua guerra pela hegemonia. Daqui em diante é preciso admitir que para promover qualquer construção funcional, qualquer empreendimento político devidamente democrático é preciso justamente restaurar a dimensão do político.

O conflito existencial entre amigos e inimigos não permite a desumanização, deveria sancionar os que buscam a hegemonia para o exercício do poder. É simplesmente impossível reconstruir uma nação apoiando-se em devaneios liberais e crenças de que o sufrágio universal entregará o poder a um representante legítimo, que um partido justo e sem corrupção alcançará a hegemonia pelo voto.

Esperar vencer sempre no voto sem negociar com um concidadão, é pedir para perder de quatro.